



LIVRO APRESENTA CONCEITO DE “ALZHEIMER EMOCIONAL” E EXPLICA PORQUE VÍTIMAS PERMANECEM EM RELAÇÕES ABUSIVAS

“LIBERDADE COM PROPÓSITO” EXPLICA O MECANISMO PSICOLÓGICO QUE APAGA A DOR E SUSTENTA O CICLO DE DEPENDÊNCIA

“Alzheimer Emocional” é o fenômeno no qual a mente racional reconhece o sofrimento, mas o sistema emocional reduz ou apaga lembranças dolorosas. Esse processo sustenta a esperança de mudança e mantém o vínculo ativo, mesmo após repetidas experiências negativas. O psicólogo Felipe Rosenberg, autor do livro “Liberdade com Propósito”, publicado pela Edições 70, selo do Grupo Editorial Alta Books aprofunda a análise sobre a permanência em relações abusivas na obra e introduz o conceito como chave para compreender a dificuldade de rompimento.

De acordo com Rosenberg, esse mecanismo não se relaciona à fraqueza, mas a uma resposta psíquica ao trauma. “A mente pode saber que precisa sair, mas o sistema emocional apaga a dor para sustentar a esperança”, afirma o autor ao explicar a dissociação entre razão e emoção.

“Liberdade com Propósito” detalha como o ciclo de abuso cria uma dinâmica semelhante à de dependência. Momentos de afeto alternam com episódios de dor, o que reforça o apego. Esse padrão estimula a permanência, já que a memória emocional privilegia os períodos positivos e reduz o impacto das experiências negativas.

O conceito de “Alzheimer Emocional” também amplia o entendimento sobre recaídas. Segundo o livro, decisões de ruptura muitas vezes não se sustentam porque a memória afetiva se reorganiza em favor da reconexão. Promessas de mudança, pedidos de desculpa e demonstrações de afeto reativam o vínculo e enfraquecem a percepção da dor. “A mente pode apagar. Mas o corpo lembra”, afirma o autor, ao destacar que sinais físicos, como ansiedade e exaustão, continuam presentes mesmo quando a memória emocional falha.

Ao apresentar esse conceito, Felipe propõe uma mudança de



interpretação sobre o comportamento da vítima.

A permanência deixa de ser vista como escolha consciente

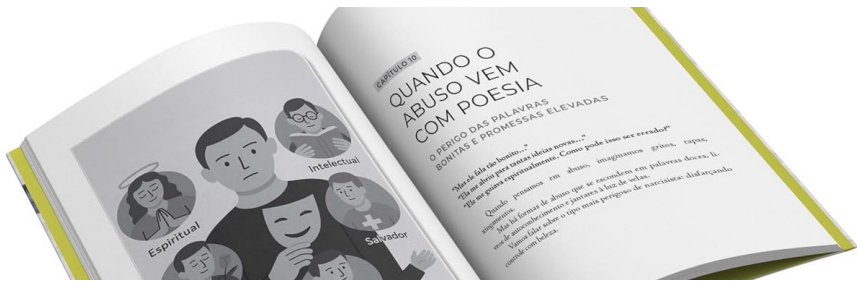
e passa a ser entendida como resultado de um mecanismo psicológico estruturado. “Liberdade com Propósito” busca oferecer clareza sobre padrões

internos que sustentam o ciclo abusivo, criando base para decisões mais consistentes e para o rompimento definitivo da dinâmica.



Felipe S. Rosenberg é psicólogo clínico, terapeuta de casais e escritor. Atua com foco em relacionamentos abusivos, ansiedade, neurodivergências e reconstrução da identidade emocional. É criador do conceito de Alzheimer Emocional e fundador da Psicologia do Propósito. Nas redes sociais, de-

envolve o projeto Descobrimdo o Sentido, onde compartilha reflexões sobre saúde emocional, propósito, relacionamentos e desenvolvimento humano. É autor dos livros “Descobrimdo como lidar com o TDAH”, “Ansiedade Transformada”, “Além do Burnout” e “Liberdade com Propósito”.



‘A PROFESSORA DE PIANO’, COM ISABELLE HUPPERT, É RELANÇADO NOS CINEMAS EM COMEMORAÇÃO AO ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS

COM DISTRIBUIÇÃO DA FILMICCA, O PREMIADO LONGA DE MICHAEL HANEKE RETORNA RESTAURADO ÀS TELAS BRASILEIRAS A PARTIR DE 23 DE JULHO



A FILMICCA, plataforma de streaming nacional, anuncia o relançamento de A Professora de Piano, dirigido por Michael Haneke, em 30 de julho nos cinemas brasileiros. Vencedor do Grande Prêmio do Júri e das categorias de Melhor Atriz e Ator no Festival de Cannes, o drama protagonizado por Isabelle Huppert é considerado um marco da atuação e um clássico do cinema contemporâneo. Lançado em 2001, o longa retorna às telonas em versão restaurada para celebrar os 25 anos de sua estreia, com sessões antecipadas a partir de 23 de julho.

Na adaptação do romance “A Pianista”, da vencedora do Nobel de Literatura Elfriede Jelinek, Haneke mergulha na subjetividade humana ao explorar o desejo e a repressão que consomem Erika, uma professora de piano que vive sob a influência da mãe autoritária com quem mora, até que a chegada de um novo aluno desorganiza sua vida. A atuação de Huppert e de seu parceiro de cena, Benoît Magimel, os levou à vitória na 54ª edição de Cannes.

Hoje vencedor do Oscar, o diretor austríaco foi consagrado pelo longa ao conquistar elogios da crítica especializada e prêmios como César e o Prêmio de Cinema Europeu, além de indicações ao BAFTA e Independent Spirit Awards. Segundo o The Guardian, “Isabelle Huppert entrega a atuação de sua carreira”, enquanto “a história de Michael Haneke sobre uma professora de música sadomasoquista é muito mais perturbadora do que qualquer filme de terror”. Já o Le Parisien descreve o clássico como “sincero, cru, perturbador, profundo e inesquecível”.

Voltando aos cinemas com distribuição da FILMICCA, A Professora de Piano foi restaurado através de trabalho apresentado pela mk2 Films e realizado no laboratório Listo (Austria) com a chancela e a supervisão do próprio diretor. Agora, o longa-metragem retorna oficialmente às telas em 30 de julho, com sessões antecipadas a partir de 23 de julho no Instituto Moreira Salles (IMS) e outros cinemas

SINOPSE

Erika Kohut leciona piano no Conservatório de Viena.

Prestes a completar 40 anos, ela vive confinada em casa com a mãe — uma influência da qual só consegue escapar durante suas visitas frequentes a cinemas pornô e peepshows. Sua sexualidade é marcada por um voyeurismo mórbido e pela automutilação masoquista. Erika e a vida seguem caminhos distintos. Até que um de seus alunos decide seduzi-la...

Com atuações poderosas e a maestria de Michael Haneke ao conduzir uma narrativa inquietante, o longa venceu três prêmios no 54º Festival de Cannes: o Grande Prêmio do Júri, o de Melhor Ator e o de Melhor Atriz, concedido por unanimidade à Isabelle Huppert.

O DIRETOR

Michael Haneke é um diretor de cinema e roteirista austríaco. Ele realizou filmes em alemão, mas também em francês e inglês. Sua obra frequentemente aborda a violência na sociedade, questões sociais, o consumismo e indivíduos marginalizados.

Ele conquistou o Grande Prêmio do Júri no Festival de Cinema de Cannes por “A Pro-

fessora de Piano” (2001), bem como a Palma de Ouro em duas ocasiões: por “A Fita Branca” (2009) e “Amor” (2012) — este último recebeu cinco indicações ao Oscar e venceu a estatueta de Melhor Filme Internacional. Também dirigiu “Violência Gratuita” na Áustria, em 1997, e a refilmagem internacional da obra, lançada em 2007 com estreia no Festival de Sundance. Além disso, leciona direção cinematográfica na Academia de Cinema de Viena.

FICHA TÉCNICA

Direção: Michael Haneke

Elenco: Isabelle Huppert, Annie Girardot, Benoît Magimel, Susanne Lothar, Udo Samuel e Anna Sigalevitch

2001 | Áustria, França | 131 minutos | 18 anos

Título original: La Pianiste

Gênero: Drama

Idioma: Francês (legendado em português)

Versão Restaurada

Distribuição: FILMICCA

FILMICCA

VENCEDOR DA MOSTRA TIRADENTES, ‘ANISTIA 79’, DOCUMENTÁRIO QUE RETOMA IMAGENS INÉDITAS, ESQUECIDAS POR 50 ANOS, CHEGA AOS CINEMAS EM 20 DE AGOSTO

DIRIGIDO POR ANITA LEANDRO, LONGA-METRAGEM TRAZ À TONA O REGISTRO HISTÓRICO DE UM GRANDE ENCONTRO INTERNACIONAL PELA ANISTIA NO BRASIL, REALIZADO EM ROMA, E REACENDE O DEBATE SOBRE MEMÓRIA E JUSTIÇA



Depois de conquistar os prêmios de Melhor Filme da competição Olhos Livres e do Júri Popular na Mostra de Cinema de Tiradentes, além do prêmio de Apoio à Distribuição no FID Marseille, ANISTIA 79, novo longa-metragem de Anita Leandro, chega aos cinemas brasileiros em 20 de agosto, com distribuição da Embaúba Filmes. O documentário parte de imagens inéditas da Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, realizada em Roma, em junho de 1979. Esses registros históricos do processo de anistia, de grande atualidade, convidam o espectador a julgar os crimes do passado e a elaborar uma memória da ditadura militar.

“Não se trata de um filme temático sobre anistia”, diz a diretora, “mas de um filme sobre a emoção de 11 pessoas que viveram esse processo, diante de imagens de arquivo onde elas aparecem”. Esses registros nos transportam para a plenária do Senado Italiano, que sediou a Conferência Internacional pela Anistia e as Liberdades Democráticas no Brasil, evento que reuniu centenas de exilados brasileiros e defensores de direitos humanos de diversos países, engajados na luta pela anistia e pelo fim da ditadura. Essas imagens, registradas por dois exilados, ficaram guardadas num porão, em Paris, por quase meio século, até que Anita Leandro encontrasse uma cópia do material em cassetes mini-DVs, sem som, em uma biblioteca da Universidade de Nanterre, nos arredores de Paris, especializada em questões políticas da América Latina.

“Assistindo àquelas imagens mal digitalizadas, reconheci personagens importantes da resistência à ditadura militar”, conta a diretora. “A bibliotecária me colocou, então, em contato com Hamilton Lopes dos Santos, o autor do material de arquivo”. Exilado em Paris, durante a ditadura, Hamilton alugou uma câmera, reuniu uma pequena equipe e partiu para Roma, sem dinheiro e sem experiência em cinema, movido apenas pela vontade de deixar um registro do evento para as gerações futuras. Durante três dias, ele filmou a Conferência Internacional pela Anistia. São quase duas horas de material, rodado em 16mm, preto e branco, com um som cristalino, que oferece ao momento presente

um balanço emocionante de uma história de muita luta.

ANISTIA 79 mostra esse material a pessoas que aparecem nas imagens e registra suas reações diante desses vestígios do passado. As filmagens são um diálogo entre passado e presente, que se prolonga na mesa de montagem. Graças a essa circularidade do tempo, o debate sobre a anistia desencadeado nos anos 70 chega até nós em toda a sua atualidade, chamando a atenção para a manutenção do aparato repressivo da ditadura e a impunidade dos torturadores e militares responsáveis por crimes contra a humanidade. Para o jornalista Felipe Lott, do Le Monde Diplomatique, este filme, “não apenas descerra as portas do mundo, onde a canção foi decepada, como também permite a abertura do nosso porão interno, fechado a sete chaves”.

O novo longa de Anita Leandro dialoga diretamente com Retratos de Identificação (2014), onde ela reconstitui a trajetória da exilada Maria Auxiliadora Lara Barcellos, desde sua prisão e tortura até o suicídio, no exílio, em Berlim. Em ANISTIA 79, outra vítima da ditadura ocupa o centro da narrativa: Denise Crispim. As imagens de seu depoimento no Tribunal Bertrand Russell II, em 1974, abrem o filme. Presa e torturada quando estava grávida, Denise não consegue falar e seu testemunho é lido por um jurista. Quatro anos antes, seu marido, o combatente Eduardo Leite, conhecido como “Bacuri”, havia sido preso, torturado por mais de 100 dias e assassinado no DOPS de São Paulo por agentes do Estado. Décadas depois, Anita Leandro vai ao encontro de Denise para mostrar-lhe, não essas imagens do Tribunal, que ela já conhecia, mas outras, inéditas, atravessadas pela esperança no futuro, as imagens da Conferência de Roma, onde ela aparece ao lado da filha, Eduarda, uma linda criança, sorridente, que nasceu na prisão e encontrou refúgio no exílio, em Roma.

Depois de passar pela Mostra de Cinema de Tiradentes, pelo Olhar de Cinema, pela Mostra de Cinema de Ouro Preto (CineOP) e de ter a sua première internacional na competição do festival FIDMarseille, onde recebeu o Prêmio de Apoio à Distribuição (Distribution Support

Award), ANISTIA 79 estreia nos cinemas em agosto, mês em que a Lei da Anistia completa 47 anos.

Sancionada em 28 de agosto de 1979 pelo último presidente da ditadura militar, general João Figueiredo, a Lei nº 6.683 permanece, até hoje, no centro dos debates jurídicos e políticos. A Lei da Anistia aprovada pelo Congresso concedeu o perdão aos que haviam cometido “crimes políticos ou conexos com estes”. Com base nessa redação, os militares se auto-anistiarão e estenderam o benefício da anistia a todos os agentes da repressão, responsáveis por prisões ilegais, tortura, assassinato e desaparecimento forçado, equiparando crimes de Estado aos crimes políticos praticados por seus opositores. Essa interpretação continua sendo contestada por organizações de direitos humanos e por especialistas, que exigem uma revisão da lei de anistia. Imprescritíveis, os crimes de tortura não podem ser objeto de anistia. Além disso, os crimes de desaparecimento forçado e de ocultação de cadáver são considerados permanentes, enquanto não houver esclarecimento sobre o destino das vítimas, podendo, portanto, ser investigados e julgados. Ao recuperar imagens inéditas do processo que antecedeu a aprovação da Lei da Anistia, o documentário reabre um debate que permanece urgente no Brasil de hoje.

SINOPSE

Roma, junho de 1979. Exilados brasileiros filmam a Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, o maior encontro da esquerda brasileira realizado fora do país. Quase meio século depois, essas imagens reacendem o debate sobre a manutenção do aparato repressivo da ditadura e a impunidade dos torturadores, mostrando que, no Brasil, o passado ainda não passou.

A DIRETORA

Anita Leandro é documentarista, pesquisadora e professora de cinema da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua pesquisa sobre os acervos fotográficos das agências de repressão da ditadura brasileira deu origem

ao documentário Retratos de Identificação (2014), prêmio do júri oficial do CachoeiraDoc e Prêmio Arcoiris do Festival del Cinema Latino Americano de Trieste, também selecionado no FIDMarseille, Etats Généraux du Film Documentaire de Lusas, Forumdoc.BH, Mostra de Cinema de Tiradentes, CineOP e EDOC de Quito, entre outros festivais nacionais e internacionais. Desde 2006, ela desenvolve um trabalho de registro de narrações de trechos da obra de João Guimarães Rosa, no sertão mineiro. Foi coordenadora do mestrado profissional “Realização de Documentários e Valorização dos Arquivos”, da Universidade Bordeaux Montaigne, na França.

FILMOGRAFIA

Retratos de Identificação (2014), longa-metragem documentário
Riobaldo e Diadorim (2017), média-metragem documentário híbrido
Dão-Lalalão (2022), média-metragem documentário híbrido
Anistia 79 (2026), longa-metragem, documentário

COM A PARTICIPAÇÃO DE
Luiz Eduardo Greenhalgh,
Heloísa Greco,
Hamilton Lopes dos Santos,
Dirceu Greco Monteiro,
Branca Moreira Alves,
José Pedro da Silva,
Marijane Lisboa,
Jean Marc von der Weid,
Denise Leal,
Mariana Conceição Leal,
Denise Crispim.

FICHA TÉCNICA

Direção | Anita Leandro
Roteiro | Anita Leandro e Alice de Andrade
Produção | Maria Flor Brazil e Alice de Andrade
Fotografia | Bené Machado
Montagem | Anita Leandro e Isabel de Castro
Som | Glaydson Mendes
Produção Executiva | Maria Flor Brazil
Gênero | documentário
Duração | 105 minutos
País e ano de produção | Brasil, 2026
Empresas Produtoras | Montanha Russa Cinematográfica e Banda Filmes
Distribuição | Embaúba Filmes